

CORPO... DANÇA... CULTURA POPULAR... CORPOVIVÊNCIAS PANDÊMICAS

CUERPO... DANZA... CULTURA POPULAR... CUERPOS PANDEMICOS

Mariana de Oliveira Delmondes¹

Resumo: Este texto objetiva discutir o emaranhamento entre estudos referenciados em Gilles Deleuze e Félix Guattari e as reflexões traçadas no grupo de estudos “Andora em Roda”, bem como a experiência de corpos dançantes na cultura popular, em momento de pandemia. Ao refletir as manifestações da cultura popular, os encontros virtuais provocam experiências dançantes que se realizam por meio de palavras, escritas e faladas, olhares, afetos, ocasionando em uma nova conceituação para este corpo-vivido, corpo-sentido.

Palavras-chaves: Dança; cultura popular; corpo-dança.

Resumen: Este texto tiene como objetivo discutir el entrelazamiento entre los estudios de Gilles Deleuze y las reflexiones trazadas em el grupo de estudio “Andora em Roda”, así como la experiencia de los cuerpos danzantes em la cultura popular, em una época de pandemia. Reflejando las manifestaciones de la cultura popular, los encuentros virtuales provocan vivencias de baile que se dan a través de palabras, escritas y habladas, miradas, afectos, dando como resultado un nuevo concepto para este sentido corporal vivido por el cuerpo.

Palabras clave: Danza; cultura popular; danza corporal.

Início saudando e referenciando os mestres e as mestras que nos permitem refletir sobre as escritas, as danças, os encontros, os gestos potentes, as memórias, os saberes, produzidos pelos corpos atravessados pelas danças populares brasileiras que permanecem em constante movimento de luta e resistência.

Este trabalho reverbera os entrelaçamentos de estudos realizados no grupo de estudos “Andora em Roda”, as práticas dançantes e algumas conceituações referente a um corpo dançante, como o corpo-dança, a partir de alguns autores, tais como Soares e Machado (2017) e Munhoz (2011), que baseado em estudos de Gilles Deleuze, refletem a dança como um mover-se, um estar no mundo, com o olhar filosófico, lugar de criação, um corpo pensante que se liberta ao dançar.

O grupo de estudos “Andora em Roda”, dialoga com a cultura popular brasileira, tendo as danças e manifestações culturais como ponto de partida para compreender o corpo comunidade, o corpo ancestralidade, o conhecimento corporalizado, e que tem se movido em um corpovivências pandêmicos.

O momento de pandemia vivenciado em todo o mundo no ano de 2020, fez com que a Cia de dança Andora, um projeto de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal do Espírito Santo se reinventasse, para manter ativo suas atividades.

Deste modo, se desenvolve o grupo de estudos “Andora em Roda”, que composto por professores de Educação Física, graduandos e músicos, reuniu-se por meio de encontros virtuais realizados de maio a novembro de 2020, traçando novos olhares para a cultura popular.

As discussões entorno da cultura popular possibilitou construções outras no campo acadêmico-escolar, de forma a valorizar as comunidades que mantem viva as manifestações da cultura popular.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo.

Posto isto, a partir de estudos pessoais referenciados em Gilles Deleuze e Félix Guattari, de conceituações de corpo-dança, o presente trabalho buscou tecer reflexões sobre o corpo na dança popular brasileira, o corpo na cultura popular, relacionando-os ao corpo que antes, dançante, vive um corpo vivido e sentido em pandemia.

Assim, estudos apontam para a existência de um corpovivência pandêmico, um corpo dançante que vem perpassando esta fase da pandemia por meio das falas-escritas-movimento. Um corpo que, em comum unidade, está impedido dos encontros, contudo resiste a este momento, por meio dos saberes que se expandem aos limites geográficos, e são constituídos além fronteiras.

Um corpo que dança as palavras...

A construção conceitual de corpovivência pandêmico, inspira-se nos estudos realizados por Sores e Machado (2017), sobre a conceituação de escrevivência, da autora Conceição Evaristo, que a partir da escrita de histórias de vida de mulheres negras e seus entrelaçamentos com a política de assistência social, apresentou tal conceituação.

Soares e Machado (2017, p. 217), traz a escrevivência como “uma metodologia e uma ética de pesquisa que aposta na escrita como forma de resistência”, tal como é no corpovivência, um corpo que aposta na dança como sinal de resistência e (re) existência.

Deste modo, as danças vivenciadas no cotidiano de estudos e trabalhos, recuperam as memórias de minha ancestralidade, e as construções dos povos brasileiros e sua cultura, apostando na conceituação de corpovivência, para a transcrição de movimentos dançantes que representam a dança e a cultura popular, enquanto luta e resistência.

Assim, segundo estudos de Soares; Machado (2017), a escrevivência evaristiana são “modos de transpor os revezes e seguir existindo”. Esses autores acrescentam: “o que veremos é que existir por meio da literatura é também reexistir, e para um povo cuja voz foi e é constantemente sufocada, e escrevivência se torna um recurso de emancipação”. (Soares; Machado 2017, p. 206, *apud* Melo e Godoy, 2017, p. 1289)

Deste modo, surge a conceituação de corpovivência, corpos dançantes, vividos, sentidos, dentro da cultura popular, que segue resistindo ao silenciamento imposto pela cultura colonial, que insiste em apagar toda construção histórica dos povos e comunidades que manifestam as culturas populares.

A conceituação de corpovivência refere-se, então, ao corpo produtor de potências, subjetividades, a dança memória, de (re) criação da história, escritas, falas e movimentos poéticos, um grito de liberdade ao corpo que dança a cultura popular.

Segundo estudos de Soares; Machado (2017), no que tange a formação de professores, a escrevivência concede novas visões, apostando nas invenções de si, tal como, traz-se para os estudos e conceituação de corpovivência, pois permite uma rede de significações a partir dos estudos das manifestações da cultura popular que transpassam o corpo dançante.

O corpovivência é um processo de resistência, de experiências compartilhadas em comunidade, uma reconstrução da identidade dos povos de cultura popular, que busca por meio da dança e das manifestações de cultura popular, tornar vivo, e construir o sentimento de pertencimento a cultura popular brasileira.

Em vista disso, escrevivência, de Conceição Evaristo, voltado a arte da literatura, a partir do olhar de Sores e Machado (2017), expõe e denuncia a luta pelas vidas de mulheres negras, o corpovivência, é voltado a arte da dança e da cultura popular, expondo, denunciando, e resistindo na luta pela vida das comunidades e grupos que fomentam as danças e manifestações da cultura popular, de forma a manter viva a ancestralidade, a cultura dos povos brasileiros.

A partir do momento vivido mundialmente, com a pandemia, agrega-se à conceituação de corpovivência, o corpovivência pandêmico, que é este corpo dançante, cultural, que impedido dos encontros presenciais, traça novos olhares para este corpo, e dança com as palavras, com as escritas, com os olhares estabelecidos nos encontros virtuais.

Palavras que dançam a cultura popular...

Neste sentido, os encontros quinzenais estabelecidos no grupo de estudos “Andora em Roda”, corrobora com a construção de um corpo vivido, dançante, e que explora os movimentos por meio de novos sentidos. A dança se fez num jogo de palavras, que bailavam conforme explanação e entendimento de cada participante, e revigorava, potencializava a necessidade cada vez mais de falar sobre, de fomentar a cultura popular brasileira.

Assim, percebe-se que o corpovivência pandêmico é essencial na potencialização do corpo-arte, do corpo-dança, pois fomenta a inventividade, dando espaço para as palavras dançarem, ou seja, “entre a filosofia e a arte talvez possa se pensar a dança, um pensamento que movimente o corpo, uma dança que movimente o pensamento” Munhoz (2011, p. 24), em um fazer junto, memorar com... o outro... a história... os antepassados... os ancestrais... na busca de um futuro-presente, que reviva o corpo na cultura popular, numa continuidade... que não tem fim.

O corpo atravessado pelas danças populares brasileiras, transpassam a lógica da normalidade, é um corpo que é acontecimento, é memória, é o corpo que fala a transcrição do cotidiano, é a recriação da comunidade que dança como forma de (re)existir, e resistir a tantos movimentos de invisibilidade e ocultação da cultura.

Pensar este corpo memória, vivo, dentro da arte, segundo estudos de Munhoz (2011), ao referenciar Deleuze, é refletir o corpo-dança, como “metáfora para pensar um corpo de virtualidades, corpo que experimenta através da arte”, Munhoz (2011, p. 24), ou seja, é manifestar-se o sentir essencial, alcançar com o corpo, mostrar pensamentos e palavras.

Logo, o corpovivência pandêmicos, experimentado no grupo de estudos “Andora em Roda”, se fez por meio de estudos de diversas danças, da cultura popular em processo de decolonialização, na luta cotidiana de resistência à cultura popular brasileira, e a dança se fez nas palavras, escritas e faladas, nos olhares transpassados virtualmente.

Sendo a dança na cultura popular, a fala do cotidiano, uma construção da comunidade vivente, suas crenças, costumes, festejos, hábitos e lutas diárias, correlacioná-la aos estudos de Munhoz (2011), sobre a obra de Deleuze e Guattari, *Mil Platôs* (2012), e as conceituações de corpo sem órgãos, remete-nos a diálogos de um corpo que transpõe limites, que se modifica nos (des)encontros, numa multiplicidade de movimentos, que criam conexões abertas, de criação, recriação, aos quais há a liberdade de se expressar, é uma dança com um começo... sem fim.

Assim, reflexiona Munhoz, (2011, p. 26):

O corpodança desliza sobre o espaço e o tempo, abre vácuos e hiatos no espaço-tempo para que a natureza possa penetrar. Asfixia-se com a própria potência e de tanto excesso fica no vazio, onde os movimentos podem se atualizar. Faz da sensação um aliado do corpo, faz do movimento um território novo, faz do tempo um intempestivo. Ao habitar o inédito de cada tempo e de cada espaço, ao usurpar o futuro do próprio presente, ao extrair do virtual a potência, cria novas sensações. O corpo no espaço torna-se então uma membrana seletiva aumentando a capacidade de afetar e de ser afetado. Não se limita a determinadas formas; o lugar do corpo-dança é o não-lugar, o tempo é o contratempo. Ele vai se liberar daquilo que o tempo dele e o lugar dele fazem com ele. Ao criar vácuos, o corpo-dança ocupa o lugar do corpo como um contínuo que se desterritorializa. Ele não representa o tempo e o espaço, ele cria uma presença.

Dessa maneira, permitimos o corpo, atravessado pelas danças populares, e toda cultura imbricada, o movimentar-se em constantes gestopotências criativas, que se aventuram em afetar

corpos outros. Os gestopotências afetados pelo cotidiano, dançam comunicando, denunciando, na busca de diálogos libertadores, na construção coletiva de territórios de memória.

Pensar o corpo-dança, num emaranhamento dos estudos de Deleuze e Guattari, sob o olhar de Munhoz (2011) e da filosofia de Acogny, a partir de Silva e Santos (2017) remete-nos a um corpo afetado pelas histórias, pelo movimento, pelos sentidos, e significações que permeiam o corpo que dança. É afetar e ser afetado nas experiências dançantes, solo e comunitária, permitindo um empoderamento do corpo que tende a visibilizar a cultura, colocando este corpo em estado de presença.

Deste modo, aponta Silva e Santos (2017, p. 171):

A dança abriga qualidades e paisagens, assim, mais do que a forma por si, privilegia-se a esthesis. Preocupa-se com a eficiência do gesto, mas, sobretudo, com o sentir da dança a partir da perspectiva subjetiva, valorizando as camadas de história da pessoa que dança e a experiência comunitária que conforma e dignifica o ser, rompendo o individualismo e abstração que caracteriza em grande medida o pensamento ocidental eurocêntrico e trazendo à baila prioritariamente um bem estar e satisfação, fruto do equilíbrio com o mundo. Essa proposta que privilegia a sensação e o imaginário leva a pessoa a acessar estados que a dança, se compreendida apenas como forma, não é capaz de oferecer. Imaginar-se como uma árvore fromager, por exemplo, em sua grandeza, implica em manter os pés profundamente enraizados, se relacionando com o centro de gravidade e ao mesmo tempo sentindo como se extremidades corporais tivessem galhos, se relacionando com a exterioridade ampla do mundo e buscando a ampliação do gesto.

Munhoz (2011, p. 26) enfatiza que um corpodança:

Ao habitar o inédito de cada tempo e de cada espaço, ao usurpar o futuro do próprio presente, ao extrair do virtual a potência, cria novas sensações. O corpo no espaço torna-se então uma membrana seletiva aumentando a capacidade de afetar e de ser afetado. Não se limita a determinadas formas; o lugar do corpo-dança é o não-lugar, o tempo é o contratempo. Ele vai se liberar daquilo que o tempo dele e o lugar dele fazem com ele. Ao criar vácuos, o corpo-dança ocupa o lugar do corpo como um contínuo que se desterritorializa. Ele não representa o tempo e o espaço, ele cria uma presença.

Entende-se então, que um corpo-dança se desprende do corpo físico, para ser afeto, ser devir, ser conexões, variações, que resvalam para além de onde a vida acontece, e compreendê-las na dança e na cultura popular é fazer a leitura dos corpos dançantes, e nos colocar a dançar, multiplicando as (re) leituras, as (re) criações, deixadas por nossos ancestrais.

Vivenciar um corpovivência pandêmico, em que a escrita deu voz e sentido ao corpo, e a palavra é o movimento dançante, é entrelaçar o corpo no mundo partilhado com o outro, é filosofar a dança.

Os estudos de Munhoz (2011) permitem compreender que o corpo-dança, busca a experimentação da diferença, um corpo que transita entre os movimentos construídos culturalmente, contudo agregando novos outros movimentos, mantendo sempre a intensidade com a qual atravessam os corpos e pensamentos, criando territórios de memórias, assim, “o corpo-dança, situa-se no caos, e não no modelo, situa-se num território e ao mesmo tempo desterritorializa-se” (Munhoz, 2011, p. 28).

Visto que o corpo-dança é múltiplo, não se fecha, relacioná-lo a dança popular, é sentir essa multiplicidade, de um corpo traçado de lutas, de (re) conexão, um corpo-arte, que busca a liberdade, o encontro, potencializando as vivências, corpos dançantes, corpos pensantes, gestospotências, corpos na cultura popular, corpos resistência.

A dança popular brasileira em um corpo-dança compreende:

Dançar então pode ser desmesurar, desnudar, desmarcar o espaço, desaparecer no espaço-cena. Pensar, sentir, viajar. Expressar poeticamente a potência da vida. Encontrar uma potência para a vida que a faça tornar-se arte. Vida como obra de arte. Dança como devir. Porvir. (MUNHOZ, 2011, p. 29)

Pensar poeticamente a potência da vida, transformando-a em arte, possibilitou que as escritas permeadas por este estudo, se evidenciasse em escritas poéticas e na arte de dançar movimentos ancestrais e pandêmicos.

Reverberações de um corpo que dança a cultura popular, diante da atual conjuntura em que vive o mundo, devido a pandemia do Covid-19, e que impedido de dançar com, constrói novas significações, um dançar que se fez no falar, no olhar, no sentir, no pulsar, nas palavras escritas e ouvidas, transpassadas nos encontros do grupo de estudos “Andora em Roda”, permeiam a performance intitulada de “Corpovivência Pandêmica”, que demonstra um corpo-dança, um corpo-sentido, um corpo-vivido.

Os movimentos dançantes da cultura popular, dentro de um corpovivência pandêmica demonstra a luta de cada indivíduo que segue resistindo ao caos da pandemia, com a arte de dançar, na busca de não apagar toda herança ancestral, que é motivação de conhecimento, e fomento da cultura popular.

A partir de estudos de Deleuze, a conceituação de um corpo-dança, se expressa em um corpo-criação, corpo-cultura, que se permite reinventar, que nos afirma que um mesmo movimento de dança, se transforma a cada mesma dança, em sua intensidade. Deste modo, construções outras, sobre a dança, a cultura popular, correlacionando-os aos estudos de Deleuze, resultam também em escritas poéticas que contornam o corpo em movimentos pandêmicos, a luz das danças afro-brasileiras.

Palavras dançadas... movimentos ancestrais... Corpovivências Pandêmicas...
A arte que representa a vida... A vida que transpassa a arte...
Invento, crio, (re.) invento... Me desfaço... e renasço...
Nutrindo olhares... pensamentos... entregas...
O tempo que voa... sopra ventos... avança mares...
E nas entrelinhas do caos... um corpo baila...
Um Corpo baila... um Corpo... Baila... Corpo...
Que corpo... Um corpo... Nosso corpo...
Corpo-arte... Corpo-cultura... Corpo-popular... Corpo-dança...
Que dança as palavras... Escreve os movimentos...
Pisa o chão, lugar de potência...
Dança a terra... Ao som dos caxambus...
Ouve os sons... Um grito de liberdade...
Move (des) encontros... Abre estradas...
Encontrar caminhos... Encontros com o outro...
No olhar... No falar... No dançar...
Sonhar ao raiar da luz... Estremecer a escuridão...
Viver o pôr do sol... Lugar de gratidão...
Enaltecer a cantoria dos pássaros...

(Sub) entender os sinais da natureza...
Silenciar as emoções... Sentir os corações...
Vibrar a essência... Ser resistência...
Ser cuidado... ser amor...
Ser afeto... ser força... Diluir a dor...
Ser liberdade... Fluir a criação...
Viver um corpovivência pandêmica...
Em ação.

Por fim, os atravessamentos entre a dança popular brasileira, a cultura popular, o corpo-dança, pensados segundo estudos de Deleuze, permite-nos dançar com as palavras, movimentar as escritas, através de experiências dançantes, que produz conhecimentos outros, reverberando que a dança e a cultura popular resistem e atravessam nossos corpos.

As marcas existentes nos corpos dançantes, sinais de luta e resistência pela continuidade da dança e da cultura popular, se concretizam na conceituação de Corpovivência, que significa um corpo transpassado de lutas, de movimento de liberdade, de expressão, de pertencimento, de ser e dar voz as manifestações da cultura popular, assim, aposta-se nesta conceituação, Corpovivência, para novas construções, novas escritas, em um dançar poético, que reverbere toda trajetória da cultura popular e suas manifestações.

A pandemia fez com que parássemos de dançar no conjunto, contudo a experiência do corpovivência pandêmico, vivido e sentido por meio do grupo de estudos, nos redescobre ao olhar para o outro, e mergulharmos nas marcas corporais, na cultura popular, na arte, na dança, nas pesquisas, nutrindo-nos de novos olhares, pensamentos, transições, criações poéticas, que não apague a arte, não apague a cultura, pois seria apagar o corpo

Referências

MUNHOZ, Angélica Vier. Flutuações de um corpo-dança. *Floatations of a dance-body – Repertório*, Salvador, n. 16, p. 24-30, 2011.

SILVA, Luciana; SANTOS Inaicyr Falcão. Colonialidade na dança e as formas africanizadas de escrita de si: perspectivas sul-sul através da técnica Germaine Acogny. *Conceição Concept.*, Campinas, SP, v. 6, n. 2, p. 162-173, jul./dez. 2017.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. (2017) “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*, n. 17 (39), p. 203-219.

Sobre a autora

Mariana de Oliveira Delmondes é graduada em Educação Física pela UVV (Universidade de Vila Velha), tem especialização em Ensino da dança pela UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), e Educação Física escolar e Educação Especial e Inclusiva pela FASE (Faculdade de Educação da Serra). É membro da Cia de dança Andora, da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo). Tem experiência na área da educação física na educação básica, e em danças populares, com pesquisa no campo da dança e educação física escolar.

E-mail: marioliveiraef@hotmail.com.